

# A VIOLÊNCIA NA ESCOLA A PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO DE MOSSORÓ-RN

Jean Mac Cole Tavares Santos <sup>1</sup>  
Paula Janaína Meneses Rodrigues <sup>2</sup>  
Raquel Joca Menezes<sup>3</sup>

## RESUMO

A violência na escola cada vez mais ganha destaque na sociedade moderna, pois suas diferentes faces interferem diretamente no sistema educacional e no papel da escola, enquanto formadora de sujeitos. Neste trabalho pretendemos analisar o conceito de violência na escola a partir das vozes dos professores e do aporte teórico de Abromavay et al (2002), Debarbieux (2002), Charlot apud Abromavay et al (2002) e Farrington (2002). Para tanto realizamos uma pesquisa qualitativa através de questionários semi-estruturados, que foram analisados sob as concepções da Análise do Discurso. O estudo mostrou que os professores associam a violência na escola com a indisciplina em sala de aula e com fatores externos de ordem social, confirmando o caráter complexo desse fenômeno.

## PALAVRAS-CHAVES

Violência na escola; Indisciplina; Dinâmica social

## INTRODUÇÃO

A sensação de violência e o medo são frutos do estado de violência que marca fortemente a sociedade moderna. Uma modernidade marcada também pela fragilidade dos relacionamentos humanos e pela crescente individualidade, onde cada ser humano se basta em si mesmo e o privado se sobrepõe ao coletivo (Bauman, 2001). Viver a modernidade - líquida de Bauman (2001) significa conviver com diferentes tipos de medos, que transitam de acordo com a incerteza e a fluidez da dinâmica social carente de segurança e proteção.

---

1. Professor Dr. da Faculdade de Educação – UERN; Tutor do PET Pedagogia. Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Estado e Sociedade – GEPEES e orientador da pesquisa. Contato: [maccolle@hotmail.com](mailto:maccolle@hotmail.com).

2. Graduada em Letras (2005) pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e em Direito (2008) pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Aluna do Mestrado em Educação – POSEDUC da UERN. Bolsista da CAPES. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Estado e Sociedade – GEPEES. Contato: [janaguelsonkadu@hotmail.com](mailto:janaguelsonkadu@hotmail.com)

3. Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Contato: [raquelmenezespedag@hotmail.com](mailto:raquelmenezespedag@hotmail.com)

No ambiente líquido moderno, (...) a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como *inadministrável* – passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente-líquido moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. (Bauman, 2008, p.15)

Além dos medos internos, os seres humanos compartilham o estado de medo, derivado, que influencia comportamentos e escolhas. Mesmo que não haja uma ameaça iminente, muitas vezes condicionamos nossas atitudes ao que vigora social e culturalmente, o que contribui para o aprisionamento dos seres humanos e para a degradação dos setores sociais

Como a escola é um segmento de grande importância dentro da sociedade, também sofre as conseqüências da modernidade-líquida, principalmente em relação ao crescente aumento do estado de medo dentro do ambiente escolar. Um estado que não implica na violência real, propriamente dita, mas que gera e amplia a sensação de insegurança dentro da escola, redimensionando significativamente os casos de violência. Segundo Teixeira e Porto (1998, p. 57),

Cada ação concreta de agressão ou violência permite ritualizar uma ameaça, justificando a reprodução do medo e a adoção de medidas de segurança. Mas, paradoxalmente, essas medidas acentuam a insegurança e o medo e provocam novas formas de geri-los, seja na sociedade, seja na escola.

A violência na escola não é um fenômeno recente, os estudos sobre a temática apontam que suas causas e conseqüências são inúmeras, sendo fortemente influenciada pela violência social externa. Debarbieux (2002) afirma que a violência escolar é marcada por aspectos endógenos e exógenos, isto é, questões de natureza interna e externa a escola, envolvendo processos sociais mais amplos. Por isso, refletir sobre a violência na escola também significa pensar na dinâmica escolar e de como podemos mediar essa violência melhorando o ambiente de aprendizagem.

Segundo Yamasaki (2007) a percepção da violência na escola passou por diferentes estágios. Na década de 80 esse tipo de violência era percebida através da depredação do patrimônio escolar, atualmente o enfoque dos estudos privilegia a dimensão das relações interpessoais. A autora também ressalta que a violência na escola já fora legitimada, época em que a palmatória era um instrumento de educação e disciplina. Isso demonstra que a violência na escola é uma construção histórica, social e cultural.

Um ambiente escolar violento influencia no desenvolvimento das atividades pedagógicas e, conseqüentemente, no aprendizado dos alunos, podendo implicar assim no fracasso da escola. Com a ampliação da violência pelo estado de medo da modernidade, essa degradação da escola se evidencia, transformando-a num ambiente desvalorizado socialmente apesar de toda a indiscutível importância da educação e da escola para a formação dos seres humanos. Por isso, compreender os diferentes tipos de violência como algo que faz parte da dinâmica social é essencial para nos aproximarmos de alternativas positivas de seu enfrentamento.

Assim, neste trabalho temos como principal objetivo analisar a concepção de violência na escola dos professores de Ensino Médio do município de Mossoró- RN. Para tanto, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, com aplicação de um questionário semi-estruturado com seis professores (codificados em P1, P2, P3, P4, P5 e P6) de duas escolas públicas estaduais de Ensino Médio deste município.

Os três primeiros professores da Escola Abel Freire Coelho e os três últimos da Escola Aída Ramalho, quatro do sexo feminino e dois do masculino. Estes docentes têm bastante tempo de sala de aula e de experiência no Ensino Médio, em média 20 anos de profissão. Uma vivência escolar que ficou claramente demonstrada nas respostas do questionário, através da clareza e da qualidade dos exemplos que descreveram o cotidiano de suas escolas.

As escolas escolhidas são de Ensino Médio, por entendermos que essa modalidade de ensino tem adquirido grande importância social, pois constitui os anos finais da Educação Básica e sua nova identidade unitária permite aliar o ensino propedêutico à formação profissional através de uma educação dialógica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o Ensino Médio deve trabalhar a formação integral dos educandos, com a finalidade de desenvolver todas as suas potencialidades nas dimensões: intelectual, afetiva, física, ética, estética, política, social e profissional; além de prepará-los para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho.

Essa nova concepção de Ensino Médio pressupõe uma escola dialógica que trate os alunos como seres humanos, não como objetos, depósitos de informações. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN) afirmam que a formação dos alunos deve ter como finalidade “o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização” (PCN, 2000, p.5).

Optamos também pela pesquisa qualitativa, por acreditarmos que “a abordagem qualitativa de um problema, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (Richardson, 2010, p.79). Por isso, buscando aprofundar o conhecimento do fenômeno da violência na escola, o questionário foi composto de nove questões que visavam compreender a visão dos docentes sobre a violência na escola, o comportamento deles diante dos casos de violência, como a violência intervêm no cotidiano escolar e qual a postura da escola diante da violência.

A análise das respostas dos questionários foi realizada através da Análise do Discurso descrita por Orlandi (2005). Segundo a autora:

A análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (Orlandi, 2005, p.26)

Com a análise do discurso podemos compreender todos os sentidos produzidos pelo texto, como ele se relaciona com o contexto em que foi produzido e qual a ideologia presente naquele discurso, pois a linguagem se constitui através das relações sociais, sendo também parte integrante destas. Para Oliveira (2008, p. 16),

A linguagem apenas emerge em relações intersubjetivas, em determinadas condições e, assim sendo, é no processo de interação verbal que o signo lingüístico, em qualquer de suas dimensões, reflete e refrata os valores dessa realidade, ou seja, tornando-se um indicador sensível e constitutivo das mudanças sociais.

Os sentidos de um determinado discurso estão relacionados com múltiplos fatores, tanto com o que é dito de maneira explícita ou implícita, as condições de sua produção, intenções do sujeito, o que poderia ter sido dito e não foi, quanto com outros discursos que já foram proferidos sobre o determinado tema. Essa pluralidade do discurso é confirmada por Navarro (2005) quando discorre sobre o diálogo de Bakhtin. Segundo a autora, para Bakhtin todo discurso é dialógico, pois o eu pressupõe a existência do outro, “o discurso leva e traz consigo o já dito e o não dito, o passado e o futuro, o oculto e o descoberto” (Navarro, 2005, p. 59).

Confirmando a pluralidade do discurso, Fischer (2001), trabalha os dispositivos de análise de Foucault, descrevendo o interdiscurso como a possibilidade de aflorarem as contradições, as diferenças, os apagamentos e toda a heterogeneidade que caracteriza um discurso, enquanto prática social. Assim, através da análise do discurso dos

professores procuramos desvendar as marcas lingüísticas que o integrem à formação discursiva de nosso aporte teórico, interpretando e compreendendo os sentidos ali relacionados.

Inicialmente discutimos o conceito de violência na escola apresentado pelos professores pesquisados e pelo aporte teórico Abramovay et al (2002), Debarbieux (2002), Cabral e Lucas (2010) e Sposito (1998), a fim de nos aproximarmos de uma definição, de ampliarmos a compreensão do fenômeno e de como este interfere no cotidiano escolar. Por fim, apresentamos as considerações finais acerca do que realmente significa violência na escola para os professores pesquisados.

### **DELINEANDO UM CONCEITO DE VIOLÊNCIA**

Abramovay et al (2002) realizou uma ampla pesquisa nacional procurando caracterizar os diferentes tipos e estágios da violência na escola. Para a autora, o conceito de violência na escola varia conforme o status e o local de quem fala, por isso não há um conceito unívoco. Afirma também, que ao longo dos anos os estudos sobre a temática apontaram diversos caminhos. Inicialmente eram aliados a questões de indisciplina ou de delinqüência juvenil, hoje a violência na escola também é associada a questões mais amplas, como a globalização e a exclusão social.

Fatores familiares, psicológicos, econômicos, sociais e circunstanciais devem ser considerados quando analisamos a violência escolar, são fatores de risco que influenciam no comportamento das vítimas e agressores. Entretanto, não devemos tratá-los de maneira determinista, não é o fato de uma escola está localizada num bairro violento que terá casos de violência, nem muito menos é verdade, que a escola não terá violência por está num local dito seguro. Geralmente, estamos acostumados a associar pobreza com violência, mas nem sempre isso é uma verdade absoluta.

Segundo Farrington (2002), fatores familiares, psicológicos, econômicos e sociais podem desenvolver comportamentos violentos a longo prazo, em contra partida, influenciam nas diferenças entre os indivíduos, pois pessoas sob as mesmas condições adquirem comportamentos mais ou menos violentos, há pessoas com maior tendência a cometer violência que outras, por isso não há que se falar em determinismo.

Debarbieux (2002) afirma que essa abordagem dos fatores de risco é importante para o estudo acerca da violência da escola, quando temos o intuito de analisar e identificar as variáveis pessoais, familiares, contextuais e estruturais, mas não devemos considerá-los como únicos e determinantes. Para o autor, fatores de ordem interna a

escola, relativos à organização e funcionamento da instituição influenciam bastante na ocorrência dos casos de violência. Por isso, ele afirma, a violência na escola deve ser analisada de maneira macro e microsociologicamente.

A análise dos questionários nos remota a esse questionamento de Debarbieux (2002), o conceito de violência de **P3** aponta para os fatores internos e externos a escola. Para o docente, violência na escola corresponde a “falta e/ou mal planejamento; falha na gestão e muita de educação; má criação”. Isso demonstra uma descrença no planejamento pedagógico da sua instituição e no papel desempenhado pela gestão escolar. O uso do e/ou pelo depoente, aponta que dentro do planejamento dessa escola a violência não parece ser prioridade ou até mesmo considerada para o desenvolvimento das ações e projetos pedagógicos.

Para **P3** a falha na gestão escolar determina a incidência da violência na escola, pois a falta de comprometimento e de ações de enfrentamento dessa violência contribui para o aumento da incidência de violência, nesse caso, a visão do professor joga grande parte da responsabilidade da violência na escola para a gestão, eximindo-se de sua responsabilidade. Além das questões internas, **P3** também ressalta uma falha na educação familiar, “má criação”.

A estrutura familiar e a educação dentro da família influenciam nos casos de violência. Aqui a responsabilidade da família se evidencia, pois jovens que não possuem uma sólida estrutura familiar, isto é, com pais responsáveis e comprometidos com a orientação de seus filhos, estão na zona de risco de desenvolver um comportamento violento.

Independente de sua classe social, a base familiar influencia no comportamento social dos sujeitos. Neste caso, a escola de **P3** trata com jovens de baixa renda da periferia de uma cidade do interior, que em geral são considerados de risco, afirmação confirmada pelo discurso de **P3**. O que demonstra certo preconceito com esse tipo de constituição familiar, uma afirmação que não deve ser determinante, pois como observamos, nem sempre fatores de risco de ordem familiar são motivadores de perfis violentos.

O discurso de **P3** também nos faz refletir sobre o posicionamento de Abramovay et al (2002) em relação à variação do conceito de violência dependendo do local e status de quem fala, pois o conceito deste docente aponta para o status de alguém que está de fora, isto é, que não tem responsabilidade nenhuma pelo problema.

Nesse sentido, com relação à definição de violência, o estudo de Abramovay et al (2002) diferenciou a violência na escola em três aspectos: 1. quanto à pessoa: agressões físicas e verbais, ameaças, violência sexual e uso de armas; 2. quanto à propriedade (relativo aos roubos e furtos) e 3. quanto ao patrimônio (deprecação do ambiente escolar). Ampliando o conceito de violência, a autora apresenta a conceituação de Charlot, que divide a violência na escola em três níveis: uma que chama simplesmente de violência, relacionada a golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; outra denominada de incivilidades, que se refere a humilhações, a falta de respeito e, por fim, a violência simbólica ou institucional, que corresponde à falta de interesse pela escola e as relações de poder na instituição.

O conceito de Charlot, apresentado acima, se aproxima dos conceitos de violência dos professores pesquisados. **P1, P4 e P6** consideram como violência, as agressões físicas e verbais entre os sujeitos escolares. Já **P2 e P5** definem violência como a falta de respeito que gera a indisciplina e a destruição do patrimônio escolar (grifos nosso). Os conceitos de violência na escola desses professores se resumem aos dois primeiros níveis de violência descritos por Charlot, a denominada violência e as incivilidades, aproximando a violência do conceito de indisciplina escolar.

Na visão desses profissionais, violência na escola e indisciplina se confundem, pois apresentam as agressões e a constante falta de respeito como evento de violência. Fato este comprovado nas respostas da quarta pergunta, quando foi pedido que assinalassem os principais tipos de violência que ocorrem na escola. As respostas dos professores apontaram que o comportamento dos alunos é de total desrespeito dentro do ambiente escolar, tanto para com os professores, como para com a própria escola, traduzido na violência moral, nas agressões verbais e na deprecação do ambiente escolar.

Diante dessa opinião dos professores, percebemos a necessidade de refletir um pouco sobre a distinção de violência e indisciplina sob a ótica de Aquino (1999), Giglio (1999) e Parra (2009). Etimologicamente, o termo indisciplina se relaciona ao comportamento transgressor de regras impostas por uma hierarquia, associada com desordem e rebeldia. Geralmente as escolas e os professores impõem determinadas regras de comportamento para viabilizar o funcionamento adequado da instituição. Os alunos apenas devem obedecer às normas, tendo um comportamento que escola e professores julgam adequados.

Há uma nítida relação de poder e força no estabelecimento dessas normas, por isso qualquer transgressão dos alunos é considerada indisciplina. Assim, podemos observar que a indisciplina está relacionada com questões internas e de natureza pedagógica da escola, influenciando principalmente na relação professor-aluno. Segundo Parra (2009, p. 9264),

A indisciplina significa o contrário à disciplina, é o estado de desordem, de desobediência e de rebeldia. A violência por outro lado, se constitui a partir do uso da força, ocorre um constrangimento físico e/ou moral. Nesse sentido ao comparar-se violência com a indisciplina na escola, há que se considerar uma distinção entre esses dois fenômenos.

Percebemos, assim, que a principal distinção de violência e indisciplina está relacionada ao uso da força e da dimensão que é dada aos dois fenômenos. Enquanto a indisciplina é considerada um fenômeno de ordem apenas interna, a violência assume um caráter mais amplo de natureza social, subsidiada pelo uso da força. Uma força que também pode ser extraída da relação de uma instituição ou de um professor que impõe regras disciplinares aos seus alunos. Será que impor normas aos educandos também não é uma forma de violência institucional? Até que ponto as normas disciplinares impostas verticalmente levam em consideração os interesses e os direitos dos alunos?

Entendemos também que é necessário ampliar as discussões em torno do que os professores consideram como violência e indisciplina, observando qual é o contexto escolar e como o uso da força influencia no cotidiano da escola e no comportamento dos alunos, pois muitas vezes a indisciplina em sala de aula pode gerar a violência, assim como a violência pode ser considerada uma indisciplina.

Em geral, observamos que a indisciplina está intimamente ligada ao modo como os professores e a escola se relacionam com os alunos, a postura pedagógica do docente influencia bastante no que ele considera como indisciplina na sua sala de aula.

Segundo Giglio (1999, p. 185), “fala – se da indisciplina dos alunos como a quebra de regras ou de modelos de conduta que não foram escritos e atuam de forma naturalizada” e que dispensam a revisão das práticas dos professores, bem como de toda a estrutura escolar. Entretanto, para a autora é necessário buscar um novo sentido na organização institucional da escola que atenda às necessidades dos alunos, dos professores e da comunidade.

A importância de se repensar a escola também é ressaltada por Aquino (1999, p.5) quando afirma que para superar o fracasso escolar é preciso rever algumas verdades que não alteram os rumos do cotidiano escolar, como por exemplo, o conceito de aluno

desrespeitador. Para o autor, pensar na escola atual significa também “uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno”.

Aquino (1999) afirma que para muitos o fracasso escolar está diretamente associado à indisciplina e ao baixo aproveitamento dos alunos e por isso devemos superar a idéia de uma escola disciplinadora, onde o medo e a submissão são os principais elementos que conduzem o comportamento dos alunos dentro da escola. Esse tipo de disciplina escolar é uma forma de violência institucional que prejudica o pleno desenvolvimento dos alunos, pois uniformiza e impede o florescer de todas as suas potencialidades.

Já quando pensamos em violência na escola, os questionamentos adquirem uma dimensão maior devido à natureza complexa do fenômeno. Segundo Parra (2009, p.9265) “A violência decorre de uma visibilidade maior, suas marcas são mais evidentes e de repercussão social mais ampla, o dano provocado possui um alcance social que vai do poder de polícia do Estado até o sistema de atendimento de saúde”, nitidamente associa a violência a fatores exógenos a escola.

Aquino (1998, p.4) aponta que o problema da violência na escola não está ligado somente a fatores exógenos e sociais, mas também intimamente associado às relações de ordem interna, traduzido “por meio da apropriação de vetores de força por parte de seus atores constitutivos”. O que muitas vezes faz com que a própria escola produza a violência, dita institucional.

Assim, podemos perceber que a indisciplina e a violência na escola são conceitos tênues e que de alguma forma se entrelaçam, pois quando tratamos a indisciplina como uma quebra de regras, a violência também pode ser considerada como um tipo de indisciplina.

Outro aspecto que obteve destaque nas respostas dos professores foi a violência moral, traduzida no preconceito, na discriminação, nos apelidos, nas humilhações, nas coações, nas ameaças e no *bullying*, considerado por Fante (2005) como um tipo de violência repetitiva que tem o intuito de constranger e perseguir outrem considerado diferente. Esse tipo de violência interfere diretamente no aspecto psicológico dos envolvidos, muitas vezes afastando os alunos da escola, que se sentem excluídos do ambiente escolar. A escola deixa de ser um lugar prazeroso de convívio e formação humana, de promoção do conhecimento, para ser um local onde é semeada a exclusão e a degradação da dignidade humana.

A violência sexual e o uso de drogas lícitas e ilícitas também foram ressaltados nas respostas dos professores, o que condiz com o comportamento da modernidade, pois percebemos que cada vez mais a sexualidade está em evidência e que as drogas se banalizam no seio da sociedade, tornando-se um grave problema social, de saúde pública. O discurso da mídia tem grande influência nesses comportamentos, estimulando o sexo cada vez mais cedo e o uso de drogas, retratados, por exemplo, nas propagandas de bebidas alcoólicas, quando associam bebida ao sexo e a um novo estilo de vida mais feliz.

Assim, podemos perceber que, de maneira geral, o discurso dos professores aponta para um conceito de violência que alia questões de natureza interna e externa à escola, demonstrando que aspectos sociais e pedagógicos contribuem para o desenvolvimento de comportamentos violentos na escola. O que nos leva a refletir sobre a importância da presença do diálogo dentro das instituições e conseqüentemente das relações interpessoais entre os sujeitos escolares, possibilitando a melhoria do ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência na escola é um fenômeno bastante complexo, construído historicamente e culturalmente. O estado de violência da sociedade moderna deu grande destaque a esse fenômeno, o que vai influenciar diretamente nas concepções construídas socialmente pelos professores. Para os professores da rede estadual do município de Mossoró- RN, no geral a violência na escola está diretamente ligada à indisciplina em sala de aula, que na fala destes, significa a falta de respeito por parte dos alunos. Questões de ordem externa, como a falta de participação familiar também ganhou destaque nas respostas dos professores, confirmando, portanto, que a violência na escola relaciona-se também com as questões sociais em que os sujeitos estão imersos. Desta forma, pensar neste fenômeno para os sujeitos pesquisados, também implica a análise de fatores externos às escolas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* Violência nas escolas. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa. A indisciplina e a escola atual. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998.

\_\_\_\_\_. Autoridade docente, autonomia discente: uma equação possível e necessária. In: Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas. Org. Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Medo Líquido. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. Modernidade Líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério de Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília, MEC/SEMTEC, 2000.

CABRAL, Stelamaris Rosa e LUCAS, Sônia Maria Lourenço. Violência nas Escolas: desafio para a prática docente. Rio de Janeiro: Gramma, 2010.

DEBARBIEUX, Eric. Violências nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: Violência nas escolas e políticas públicas / organizado por Eric Debarbieux e Catherine Blaya. . Brasília :UNESCO, 2002.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

FARRINGTON, David P. Fatores de risco para violência juvenil. In: Violência nas escolas e políticas públicas / organizado por Eric Debarbieux e Catherine Blaya. . Brasília :UNESCO, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso. Cadernos de Pesquisa, n. 114, n.114, p.197-223, novembro/ 2001.

GIGLIO, Célia M. Benedicto. A violência escolar e o lugar da autoridade: encontrando soluções partilhadas. In: Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas. Org. Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1999.

NAVARRO, Almira. Diálogos e Reflexão. Natal, 2005. Tese de doutorado disponível em [www.ufrn.br](http://www.ufrn.br). Acesso em 22/10/2011.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Compreendendo e interpretando práticas discursivas: (re)visitando orientações bakhtinianas. In: Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas. Org. Maria Bernadete F. de Oliveira, Maria da Penha Casado Alves, Marluce Pereira da Silva. Natal: EDUFRN, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas-SP, Pontes, 2005.

PARRA, Sílvia. Indisciplina e violência na escola e o processo de Ensino-aprendizagem: algumas considerações a partir da organização do trabalho pedagógico.

IX Congresso Nacional de Educação. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUC – Paraná, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência, 1998. Texto disponível em [www.iea.usp.br/observatorios/educacao](http://www.iea.usp.br/observatorios/educacao), acesso em 13 de setembro de 2011.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches e PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, Insegurança e Imaginário do Medo. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro, 1998.

YAMASAKI, Alice Akemi. Violências no contexto escolar: um olhar freireano. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.